

LIVROS RECENTES E DEBATES CONTEMPORÂNEOS*

Comentário Crítico pelo Editor

Why Priests?: A Failed Tradition

Garry Wills

Viking, 12 Fevereiro 2013

302 pp.

Democracia Secular, Religião e os Iconoclastas Liberais

A mudança do papel do sacerdócio no mundo de hoje, com os temas da ordenação feminina e o clero homossexual, tem conhecido avanços significativos na Igreja anglicana e na Igreja episcopal americana, mas continua a ser um problema controverso, no que se refere ao Vaticano, incluindo, neste caso, a questão do celibato. A posição de Garry Wills é radical, considerando que o próprio sacerdócio católico devia ser abolido ou, mais precisamente, considera que o sacerdócio foi um desenvolvimento tardio que não tem base no Novo Testamento, nos textos dos Padres da Igreja e, em última instância, não tem origem em Cristo. Esta não é, porém, a crítica de um comum anti-clericalista ou apóstata do catolicismo, mas de um católico praticante, nascido em 1934 e que, na juventude, estudou, durante cinco anos, num seminário. Além disso, trata-se de um historiador renomado, no cenário americano,

* Ensaio de revisão acerca de livros publicados durante o mesmo semestre, ou no final do semestre anterior da edição de cada número de Interações.

e um Professor Emeritus com vasto conhecimento da história da Igreja primitiva.

O ponto crucial do argumento de Gary Wills é a crítica do dogma da transubstanciação, segundo o qual a Eucaristia constitui uma reatualização da Última Ceia como o prelúdio da Paixão de Cristo. Assim, a missa católica não representa apenas uma performance simbólica, ou uma celebração memorial, mas uma epifania, porque o pão e o vinho sacramentais são a carne e o sangue do corpo de Cristo que torna presente o sacrifício de Cristo. A missa é um sacrifício eucarístico, porque o sangue de Cristo é derramado outra vez, fazendo a Paixão de Cristo acontecer em toda a Eucaristia. Para ocorrer, a transubstanciação do pão e do vinho no corpo e sangue de Cristo é mediatizada por um sacerdote que, na sua figura de mediador, ocupa um papel vicarial em relação a Cristo como o supremo mediador. Gary Wills alega que, na origem, o cristianismo foi um ‘movimento sem sacerdotes’, quando a celebração eucarística incluía o consumo efetivo, pelos congregantes, do pão e do vinho como uma ceia, antes de ser inventada a figura do sacerdote alegadamente necessário para operar o milagre do pão e do vinho eucarísticos.

O que está, na verdade, em causa com a questão da necessidade dos sacerdócio é a necessidade da própria Igreja Católica, tendo sido esta a questão fundacional do cisma protestante, em termos teológicos. A proposição *sola fide* de Martinho Lutero que ‘somente a fé’ salva e não as obras constitui, em última instância, a base para a refutação da Igreja Romana. Segundo a eclesiologia católica, a Igreja não é apenas uma instituição destinada a venerar Cristo, mas é o Corpo Místico de Cristo, porque, da mesma forma que Cristo morreu e ressuscitou, todos aqueles que verdadeiramente seguem a Cristo irão conhecer a morte e a dádiva da ressurreição, como parte do seu Corpo. Neste sentido, a Igreja é um corpo em movimento que é o próprio universo, movendo-se para o fim escatológico da segunda vinda de Cristo, como o fim do mundo pós-lapsário, que foi criado pela invenção do pecado e da morte, e realizando o sentido último do sacrifício de Cristo que é a morte da morte.

Esta visão mística da Igreja como o Corpo de Cristo era, para Lutero, uma pura mistificação que permitia, de facto, reivindicar o estatuto de mediação vicarial para o sacerdote e, no ápice, para o papa como vigário de Cristo, o Pontifex Maximus e o sucessor da linhagem sagrada de São Pedro, ‘a pedra da Igreja’. Na religião romana antiga, o Pontifex Maximus era a posição sacerdotal mais elevada e, a partir de Augusto, os imperadores passaram a ocupar o cargo como parte da fusão do poder imperial com a religião do estado. Mais tarde, tornou-se o título, em particular, do Bispo de Roma, o apanágio do Papa, e, embora não conste oficialmente dos títulos

papais, o Pontífice Romano é o primeiro dos pontífices católicos, significando, literalmente, ‘fazedor de pontes’, uma vez que, na visão católica, todo o sacerdote é um mediador pontifical de Cristo. Na crítica de Lutero, o papado católico preza mais as obras do que a fé, no sentido em que o trabalho de mediação da Igreja é considerado condição intrínseca e necessária para a obra da salvação em Cristo. Por isso, as Igrejas protestantes não são ‘eclesiásticas’, porque não são a mediatização do corpo de Cristo, nem como instituição, nem enquanto função pontifical do clero.

Consequentemente, a questão de para que servem os padres e a resposta de que os padres são uma tradição falhada, respetivamente o título e subtítulo do *Why Priests?* de Gary Wills, foi, na realidade, a questão que a revolução luterana colocou, há meio milénio, incluindo a doutrina do sacerdócio universal, ou o sacerdócio de todos os crentes, considerando que todos têm um acesso direto a Deus, através da fé e da oração, não precisando de mediadores profissionais. Mais do que isso, visões protestantes, ou normalmente conotadas com o protestantismo, por parte de fiéis, membros do clero e mesmo teólogos católicos, enquanto meio de uma crítica reformista do catolicismo, não é uma coisa nova, pelo contrário, é tão antiga quanto o protestantismo. Um exemplo influente é o caso do clérigo inglês Reginald Pole que rompeu com Henrique VIII, ficando do lado da Igreja Romana e refugiando-se em Roma. Por vingança, Henrique VIII prendeu a mãe e os irmãos de Pole, acusando-os de traidores papistas, mandando-os decapitar na Torre de Londres. Em Roma, Pole foi feito cardeal e tomou parte no Concílio de Trento, onde acabou, porém, por ter problemas com a ortodoxia da Contra Reforma, porque defendeu a ‘justificação pela fé’, precisamente o princípio luterano da *sola fide* que causou o cisma protestante.

A questão nova, hoje, é que a crítica da religião tornou-se parte de um novo e vasto iconoclasma. Na história da religião, os iconoclastas destruíam imagens religiosas, porque consideravam que os símbolos apenas se representam a si próprios e não a Deus. Hoje, os iconoclastas não se referem apenas à religião, mas à invetiva da crítica liberal progressista contra o que consideram as intoleráveis persistências do status quo conservador na cultura democrática. Frequentemente, porém, estes críticos tornam-se presas do inimigo número um da análise crítica, que é utilizar petições de princípio que não são testadas pela própria análise. Este parece ser, precisamente, o problema de Garry Wills.

Na verdade, não é o sacerdote que faz ou propicia o milagre da transubstanciação. Um princípio central da doutrina cristológica, incluindo para o cristianismo protestante e as Igrejas Ortodoxas da tradição bizantina, é que o sangue de Cristo continua

perpetuamente a jorrar como obra de misericórdia e salvação no mundo. Na história da arte iconográfica católica, esta questão é representada na figura da *Fons Vitae*, como uma alegoria da Eucaristia, representando Cristo morto na cruz, com jatos de sangue a jorrar das suas chagas para uma fonte que é o próprio universo, porque o Corpo de Cristo é ubíquo no universo que Cristo redimiu da morte, como a fonte da vida eterna. Ou seja, o milagre da transubstanciação é feito pelo próprio Cristo, em toda a parte e em todo o momento, mas é na Eucaristia que particularmente se manifesta para todos, como Corpo de Cristo sacramental. O sacerdote é aquele que foi *ordenado*, ou que recebeu a preparação para dar a conhecer a todos o milagre da Presença de Cristo que está em toda a parte, incluindo a consideração teológica de que o pão e o vinho sacramental apenas são Cristo, porque encontram o Cristo que está dentro de cada um.

Por outro lado, Gary Wills afirma que a razão ‘por que é tão difícil punir padres pedófilos’ (pag.21), retirando-lhes a autorização para exercer o sacerdócio, sem, porém, privá-los do sacerdócio propriamente dito, é porque eles têm o poder de fazer o milagre de transformar o pão e o vinho. Na verdade, a dificuldade em punir padres pedófilos reflete, sobretudo, o facto de que é considerado mais grave que se saiba, ou de que de todo se reconheça que um padre pode abusar sexualmente de crianças vulneráveis que estão à sua guarda espiritual, do que fazer justiça, punindo exemplarmente o abuso e impedindo que se repita. De resto, situação semelhante ocorre tradicionalmente, nos casos em que, chegando ao conhecimento do pároco, bispo e outros dignitários diocesanos a informação de que um pai abusa sexualmente de filhas menores, os eclesiásticos procuravam que isto não seja divulgado, porque se considera mais grave que se saiba que um pai assalta sexualmente a filha do que não fazer nada de efetivo para proteger a filha desse pai. Isto é cultura do silêncio, uma marca distintiva do poder autoritário, em todas as esferas do poder e não só na Igreja. O problema é que Gary Wills confunde os terrores da cultura do silêncio com uma falsa petição de princípio acerca da explicação do pão e do vinho sacramentais, considerando que é a falsidade do sacramento que legitima o abuso e a arrogância. O que está aqui em causa, de facto, é a contradição entre um livro muito erudito e, por outro lado, uma certa tentação pela vulgaridade crítica.

Assim, a ideia de que o sacerdócio não tem legitimidade, porque não foi definido no início da Igreja não é mais do que uma derivação do cliché popular de que os cristãos primitivos eram uma comunidade de iguais e, com o tempo, é que a Igreja se tornou um poder elitizado. Teria sido muito mais consequente, em termos de

seriedade analítica, compreender o problema da transubstanciação eucarística, por relação ao processo de fixação doutrinária do princípio da Trindade que foi a grande questão dos primeiros séculos da Igreja, por causa da concorrência de crenças não-trinitárias. Os casos mais influentes aqui foram o arianismo, segundo o qual Cristo é Filho de Deus, mas totalmente distinto e subordinado ao Pai, e o monofisismo, considerando que Cristo tinha apenas uma natureza que, de acordo com as diferentes perspectivas monofisistas, tratava-se de uma natureza divina ou, então, de uma natureza híbrida de divino e humano. No primeiro caso, o monofisismo é próximo do maniqueísmo que foi outra das doutrinas que concorreu pela definição do cristianismo primitivo, considerando que, sendo o universo feito de uma divisão estrita entre o reino da Luz e do reino da Escuridão, Cristo era inteiramente Luz.

Em contraste, o dogma da Trindade, ‘um Deus em três pessoas’, considera que Deus é Pai, Filho e Espírito Santo, indicando a natureza hipostática de Cristo Encarnado, com uma natureza humana e divina, de modo que é a natureza humana de Cristo que permite a anábase, ou a descida de Deus ao mundo, na forma do Filho, e é a natureza divina de Cristo que permite a catábase dos seres humanos, ou a subida a Deus e a uma história de salvação. Consequentemente, a representação da Eucaristia como transubstanciação do Corpo de Cristo não foi o resultado da perda de um suposto igualitarismo eucarístico primitivo, onde não havia sacerdotes, em sentido próprio, mas porque apenas pode haver transubstanciação quando se define que pão e que vinho é aquele e de quem é aquele Corpo.

Além disso, Wills afirma que Cristo ‘enviou os seus discípulos para pregar o Evangelho, dizendo. “Não enchei os vossos cintos de ouro ou prata ou cobre, não usai bolsa para o caminho de viagem, nem levai um segundo par de túnicas ou sandálias” (Mateus 10.9-10): a Basílica de São Pedro e o Palácio do Vaticano não podem pretender verdadeira descendência desse par de sandálias e túnica única’ (pag.32). *Why Priests?* foi publicado em Fevereiro deste ano e, logo no mês seguinte, a 11 de Março, o Papa Francisco foi eleito, uma eleição que tem colocado em causa, para diversos setores da opinião pública, as certezas de que o Vaticano é um caso perdido para quem procura sentido evangélico na Igreja católica. Ao inaugurar o nome pontifical Francisco, o novo Papa tornou São Francisco o patrono deste papado, um santo que é um ícone de pietismo, simplicidade e igualdade na imaginação popular. O começo da história franciscana foi quando, em 1205, Francisco, que ainda não tinha começado a nova ordem dos Frades Menores, contemplando o crucifixo na pequena igreja de San Damiano, no campo, fora de Assis, teve uma visão em que Cristo saiu da cruz

e lhe disse, de acordo com a hagiografia franciscana: ‘Francisco, não vês que a minha casa está a desabar? Vai e reconstrói-a’. Francisco pensou que se tratava de reconstruir a própria igreja de San Damiano que ameaçava ruína, o que ele realmente fez. Mas, de facto, era a obra da reforma da Igreja que estava em causa.

As eleições dos Papas são hoje, como sempre foram, questões inerentemente políticas e respondem, ou deveriam responder, a situações e exigências de cada época. Neste sentido, o carismático Papa João Paulo II, eleito a 16 de Outubro de 1978, foi o Papa do fim da Guerra Fria, o primeiro Papa não italiano em séculos, mas oriundo da conservadora Igreja polonesa, mantendo um certo equilíbrio entre carisma e o status quo. O Cardeal Joseph Ratzinger foi, durante décadas, a eminência parda do Vaticano e, com a morte de João Paulo II, compreendeu que, depois de anos a comandar o Vaticano e a eger papas, aquela era a sua última oportunidade de se tornar pontífice. Mas a completa falta de carisma de Benedito XVI, um grande teólogo que não conseguiu chegar até às pessoas, fez explodir o status quo, numa época em que os escândalos de pedofilia se tornaram a metonímia do caminho quebrado da Igreja vaticana.

Para reconstruir o caminho, é necessário levar a cabo um outro tipo de *aggiornamento*, a expressão que se utilizou no Concílio Vaticano II, quando se fizeram mudanças profundas, nomeadamente no que se refere ao ritual eucarístico. Tradicionalmente, a missa era dita em latim e o sacerdote oficiava de costas para a assembleia, virado para o sacrário onde está depositado o Corpo de Cristo, o *sanctum sanctorum* de cada igreja. O desafio, hoje, é a resposta da Igreja a uma cultura democrática de valores emancipatórios e igualdade de género e orientação sexual, onde o casamento, a família e o sacerdócio, os três pilares da eclesiologia católica, têm que ser repaginados, num duplo sentido; não apenas em termos do intenso clamor das ruas – no que se refere à igualdade na Igreja para divorciados, casais homossexuais, casais em uniões de facto, o celibato optativo para os padres e a ordenação de mulheres que podem chegar a bispos, cardeais e papas – mas, igualmente, preservando a natureza teológica das coisas.

Este é um caminho que outros estão a percorrer, como os movimento reformista e progressista do judaísmo, em particular nos Estados Unidos, com, nomeadamente, mulheres rabinas e sinagogas dirigidas por rabinas, incluindo rabinas lésbicas. Isto acontece, porque os teólogos judaicos reformistas não consideram que a solução fosse, simplesmente, abolir o rabinato, como Gary Willis pretende, em relação ao sacerdócio católico, o que significa, em última instância, a abolição do próprio pa-

pado e a supressão do Vaticano. Os reformistas judeus defendem a sua perspectiva, doutrinariamente, considerando que mulheres lésbicas e homens gays podem ser rabinos, em termos da instituição teológica do judaísmo. O mesmo ocorre com evoluções semelhantes, no campo cristão anglicano e episcopal, porque não se trata de puro iconoclasma para desfazer imagens e visões estabelecidas. O problema, quando questões doutrinárias não são salvaguardadas, é jogar o bebê fora junto com a água do banho, como Gary Wills faz acerca da associação entre sacerdócio e sacramento eucarístico.